

Homenagem calcada nas palavras proferidas, em seguida à fala do acadêmico Geraldo Pinto Rodrigues, por ocasião do lançamento póstumo do *Almanaque de memórias* em 26 de novembro de 1986.

Ernani Silva Bruno se tornou, pela sua obra e como homem, uma referência luminosa para todos os que se interessam pela preservação do patrimônio cultural, que participam das dúvidas sobre sua criteriosa conceituação ou que atuam na defesa do legado comum. Seus decisivos títulos de capa, as obras coletivas que coordenou, como *São Paulo: terra e povo* de tantos e tão abalizados estudiosos, assim como seus inumeráveis e memoráveis artigos apresentam pelo menos dois aspectos que ajudam a explicar sua significação: a postura moderna e as fontes de que se valeu.

A modernidade da sua postura como historiador se revela, sobretudo, pela opção maior que fez. Não procurou acompanhar o desfile das mais destacadas personagens do nosso passado, nem a sucessão de seus eventos mais excepcionais e retumbantes. Pelo contrário — e ao contrário da nossa historiografia tradicional mais freqüente — preferiu perseguir o cotidiano do homem comum e o seu trajeto áspero, obscuro e anônimo neste planalto. Tal postura ensejou uma conseqüente escolha de fontes, bem como temperou um estilo direto e fluente.

As fontes de que se valeu foram muito além da documentação oficial, que ele tão bem conhecia e que tanto ajudou a divulgar. Já pela interpretação dos fundos arquivísticos publicados, já pela paciente compulsão das ricas coleções de manuscritos existentes nos arquivos e seções de raridades. A crônica dos viajantes ganhou lugar de destaque em seu trabalho, o que fica patente em seu definitivo *História e tradições da cidade de São Paulo*, por lançar uma luz distinta do registro oficial sobre os fatos, mormente o tipo de fatos que perquiria e interpretava.

Tal crônica talvez não garanta a precisão de informes do papelório público, contudo certamente oferece uma idéia melhor da atmosfera ou do pano de fundo de acontecimentos que podiam ser vistos com mais liberdade e algum espírito crítico pelos visitantes de fora. E estes não se resumiram aos mais conhecidos, aos eruditos dos tempos do nosso longo e peculiar processo de independência; incluíram um sem-número de forasteiros posteriores que aportaram diferentes visões segundo outros interesses, procedências e profissões.

A própria literatura de ficção obteve um espaço em sua obra — e nas sugestões que fazia — para retratar melhor e com maior acuidade o ambiente físico e social de um determinado lugar, momento ou episódio. Para conseguir forjar uma não declarada mas verdadeira história das mentalidades. Por isso, os memorialistas — que tanto o interessavam recentemente e cujas poucas e parcas obras em nosso meio foram

constituindo a menina dos olhos de sua biblioteca pessoal o atraíram nos seus últimos tempos.

A iconografia, que sempre mereceu sua atenção e até mesmo carinho, levou-o a valorizar o significado documental das imagens retirando-as do papel ancilar usual, redobrando seu interesse por levantamentos como os gerados pelas incursões da antiga Comissão Geológica e Geográfica. Ou retemperando a colaboração que buscou e o respeito que demonstrava por um Carlos Borges Schmidt a flagrar os meios de subsistência e os modos de vida de nosso homem rural. Ou, ainda, surpreendendo através da fotografia nosso percurso urbano...

Mas foi especialmente a atenção que dispensou aos artefatos de todo o tipo — instrumentos de trabalho no campo e domésticos, mobiliário e alfaías da casa brasileira, roupas de outros tempos e adereços — que aproximou o seu trabalho daqueles que lidam com os testemunhos da cultura material. Pois tais artefatos são a própria razão de ser e o próprio objeto da atuação dos mesmos. Aliás, essa consideração de ordem etnológica enriquece a sua interpretação histórica e explica as suas fontes escritas preferidas e o seu gosto pelas iconográficas.

Como figura humana, entre tantas qualidades, Ernani Silva Bruno exibiu algumas correspondentes e esclarecedoras das características apontadas em sua obra. Entre elas, a mesma postura de homem do seu tempo, aberto às coisas do seu tempo. E a sua simplicidade... Sempre interessado nos acontecimentos do dia, nos maiores e nos mais corriqueiros; sempre buscando considerar os fatos pelo prisma do sentimento comum, pelo sentido da gente comum. Daí, sua *História do Brasil: geral e regional*, essa forma despojada que caracterizava seus escritos e a sua fala.

Foi um conversador cativante, capaz de nos prender por horas que roubávamos ao seu profícuo trabalho. Sabia ouvir, se não mesmo demonstrar estoica paciência; impunha um ritmo e um tom coloquial que nunca rompia o diálogo e sempre animava a prosa. Extremamente generoso, recebia um novo pesquisador, um estudante, com a mesma atenção que dispensava a um amigo ilustre, a um colega, a um confrade da Academia. Dava a sensação de empatia imediata com todo e qualquer tema que se lhe levasse.

Rigoroso nas observações que fazia, contido e discreto nas poucas e profundas afirmações sobre a realidade que o cercava, seu agudo sentido crítico estava sempre presente. No perceber as contradições dos fatos mais banais e dos diagnósticos soberbamente categóricos, no captar as mais disfarçadas atitudes dos homens e dos seus conflitivos agrupamentos, no descobrir as idéias lançadas, os gestos desmedidos, os caçoetes redundantes. Tudo isso temperado por um refinado, por um refinadíssimo senso de humor.

Porém, a simplicidade do modo de ser, do estilo, era o que mais impressionava no autor de *Viagem ao país dos paulistas*, no amante das nossas coisas, no intérprete de nosso peculiar quadro comum. Simplicidade que lhe conferia de pronto autoridade, enquanto lhe tornava re-

pulsivos cada momento de formalidade, toda manifestação de protocolo. Ele nos perdoará por isso, mas havia grandeza nesse seu jeito simples. Grandeza do perfil de Ernani Silva Bruno.

Murillo Marx

EM TEMPO.

O mundo cultural brasileiro perdeu este ano três grandes personalidades. Através desta Revista, o Instituto de Estudos Brasileiros presta-lhes suas sinceras homenagens.

GILBERTO FREYRE (1887-1987) — grande sociólogo brasileiro, deixou obras fundamentais para a compreensão do Pensamento Contemporâneo: **Casa Grande e Senzala** (1933) e **Sobrados e Mucambos** (1936).

CARLOS DRUMMOND DE ANDREDE (1902-1987) — a nossa maior expressão das letras no Brasil contemporâneo, cronista e poeta, marcou definitivamente a vida literária do país através de vasta obra: **Alguma Poesia** (1930); **Brejo das Almas** (1934); **Confissões de Minas** (1944); **Contos de Aprendiz** (1951); **Cadeira de balanço** crônicas, 1966).

YAN (João Fernando) DE ALMEIDA PRADO (1898-1987) — historiador, escritor e grande bibliófilo, reuniu uma "Brasiliiana" das mais valiosas para o conhecimento do Brasil: Coleção Yan de Almeida Prado, comprada em 1962 pela Universidade de São Paulo com um total de 10.000 volumes em livros além de títulos de revistas. Constituiu o núcleo inicial da Biblioteca do IEB, sendo atualizada no decorrer do tempo com novas aquisições e doações perfazendo, atualmente, o total de 26.950 volumes em livros além de 1.274 títulos de periódicos.